

**TEORIA DA MENTE E PSICOLOGIA ANALÍTICA: UMA APROXIMAÇÃO
POSSÍVEL**

Júlia Pinto Soares

Trabalho de Conclusão de Curso – Psicologia

Orientação: Prof. Dra. Tania Mara Sperb

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Porto Alegre, 2014

Júlia Pinto Soares

Teoria da Mente e Psicologia Analítica:

Uma aproximação Possível

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia – Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, referente às disciplinas de TCC-I e TCC-II, como requisito parcial à obtenção do grau, sob orientação da Prof^a Tania Mara Sperb, PhD.

Orientadora: Prof^a Tania Mara Sperb, PhD

Porto Alegre

2014

*“I wanted to be changed by the road
I so wanted to change the road
But somehow, we both resisted change
Somehow we were both too strong
And yet, we have both winded away
Unsure of where we head
And it's like we're both confused, as to who is who
As if, late in the night, we can't tell the wanderer from the road
The walker from the walked
Maybe I'm just the road... dreaming that I walk”*

Daniel Gildenlow (Pain Of Salvation)

Agradecimentos

À minha orientadora, Tania Mara Sperb, pela exigência amorosa com a qual orientou minhas produções acadêmicas nos últimos cinco anos e meio.

À Graciela Jou, Lidia Suzana Rocha de Macedo e Fernanda Martins Marques, pela parceira e aprendizado em pesquisa durante a graduação. Ao André G. Vieira, pela produção fenomenal que é sua tese de doutorado, fundamental para a escrita desse trabalho.

À minha família, em especial a minha Mãe, Lidia Soares, por me inspirar a realização de sonhos e acreditar no meu potencial para alcançá-los.

Aos amigos que a universidade me proporcionou. Ao Guilherme Jahn, por me presentear com uma segunda família aqui em Porto Alegre (Esse agradecimento se estende à Tia Jaque e Tio Wilson, por me acolherem em sua casa e em seus corações). Ao João Paulo Borges, por me servir de exemplo de maturidade intelectual durante toda graduação. Ao Theo S. da Rocha, por ser a pessoa mais extraordinária que tive a felicidade de encontrar.

À Gabriela Abreu, supervisora clínica a quem devo três anos de aprendizado e companheirismo no amor pela Alma Humana. Pela dedicação e carinho incomensuráveis com que me acolheu enquanto supervisionanda e colega de profissão.

Ao meu companheiro, Gerson F. Rosa... por segurar minha mão enquanto caminha ao meu lado.

SUMÁRIO

	Pág.
Resumo/Abstract	6
Introdução.....	7
Teoria da Mente: Histórico.....	8
Primeiras Tarefas: Crença Falsa paradigma experimental.....	9
Teorias explicativas da Natureza da Teoria da Mente.....	11
Pesquisas atuais em Teoria da Mente.....	15
O que Jung tem a ver com isso?.....	19
Arquétipo e Representação.....	22
Considerações Finais.....	25
Referências.....	27

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso busca aproximar dois campos epistemológicos diferentes: A Teoria da Mente e a Psicologia Analítica de C. G. Jung. Para tanto, faz um resumo histórico da Teoria da Mente, enfocando sua importância no campo de pesquisa em psicologia cognitiva, apontando diferentes possibilidades de trabalho dentro desse campo. Em seguida, faz-se uma síntese da Psicologia Analítica, focando no conceito de Arquétipo, buscando relacioná-lo à Teoria da Mente através do conceito de representação.

Palavras chave: Teoria da Mente, Psicologia Analítica, Arquétipos, Metarrepresentação.

Abstract

This final course work tries to approximate two different epistemological fields: Theory of Mind and the Analytical Psychology of C.G. Jung. Henceforth, makes a historical summary of Theory of Mind, focusing on its importance in the field of research in cognitive psychology, pointing to different possibilities of working within this field. Following, there it is a synthesis of the Analytical Psychology, focusing on the concept of archetype, trying to relate it to the Theory of Mind through the concept of representation.

Key Words: Theory of mind, Analytical Psychology, Archetypes, Metarepresentation.

Introdução:

Este trabalho propõe-se ao diálogo entre duas diferentes áreas de estudo dentro da psicologia: A Teoria da Mente e a Psicologia Analítica de Carl G. Jung. Dois campos epistemológicos diferentes que marcaram minha trajetória acadêmica. Assim como foi-me possível fazer uma aproximação desses dois campos tão distintos durante a formação, buscarei dar continuidade a tal aproximação através da teorização neste trabalho de conclusão de curso.

No que tange à teoria da mente, farei um histórico deste campo de estudo, até os dias atuais, e ressaltarei como esse vem sendo usado em pesquisas com adultos. A teoria da mente é um construto que visa a observação e inferência de estados mentais dos outros, tendo sido historicamente estudada em crianças. As pesquisas que iniciaram com o estudo de chimpanzés e resoluções de problemas buscavam compreender esse aspecto cognitivo enquanto etapa de desenvolvimento. No entanto, atuais pesquisas têm olhado para esse construto na população adulta. Entre os principais motivos para essa mudança, destacam-se: a relação entre a psicopatologia (esquizofrenia e teoria da mente) e estudos enfocando no desenvolvimento da teoria da mente no decorrer das diferentes etapas da vida.

Durante a graduação, enquanto bolsista de iniciação científica, trabalhei na construção de um banco de dados de artigos em teoria da mente. Enfocamos na coleta de artigos com adultos e os instrumentos utilizados para pesquisas com essa população. Isto porque os estudos clássicos em Teoria da Mente utilizavam-se de tarefas de crença falsa. Sendo essas consideradas inapropriadas aos estudos com adultos, novas tarefas de crenças falsa têm sido criadas para essa finalidade. Em especial, pretende-se discutir a tarefa criada por Baron-Cohen “*Reading the mind in the eye*” pelo seu uso amplo em diferentes campos de pesquisa.

Em seguida, pretendo escrever sobre a teoria dos Arquétipos, de Carl Jung e traçar possíveis paralelos com os estudos em teoria da mente. Os arquétipos, enquanto forma de apreensão da humanidade, são passados de geração a geração, herdados também na forma de padrões de comportamento, manifestos no inconsciente coletivo, camada mais profunda da psique humana. Pretendo apresentar a teoria de Jung de forma

a ressaltar possíveis similaridades entre esses campos que marcaram minha trajetória enquanto graduanda.

Teoria da Mente: Histórico

A habilidade de inferir estados mentais de outrem tem sido denominada historicamente de Teoria da Mente. Tal habilidade faz-se necessária para qualquer possibilidade de socialização, e possibilita adaptarmo-nos a diferentes situações sociais. A teoria da mente nos auxilia a compreender aquilo que não está dado diretamente: expressões faciais, intenções, crenças. Em outras palavras, ela nos auxilia a sairmos do campo da nossa própria mente, nossas próprias ideias, para experimentarmos, inferirmos a crença de outrem.

Premack e Woodruff (1978), responsáveis pela primeira denominação do construto, ressaltam que a escolha pelo termo “teoria” está relacionada à construção que um indivíduo é capaz de fazer sobre outro ao inferir seus estados mentais.

"Ao dizer que um indivíduo tem uma teoria da mente, queremos significar que o indivíduo atribui estados mentais a si próprio e aos outros (seja da mesma espécie ou de outra). Um sistema de inferência desse tipo é, apropriadamente, visto como uma teoria, primeiro, porque esses estados não são observáveis diretamente e, segundo, porque o sistema pode ser usado para fazer predições, especificamente, sobre o comportamento de outros organismos." (Premack & Woodruff, 1978, p.515).

Na tentativa de estabelecer uma linha do tempo dos acontecimentos no campo da teoria da mente, trarei alguns aspectos referenciados no texto de Jou e Sperb (1999), “Teoria da Mente: diferentes abordagens”.

Jou e Sperb (1999) ressaltam que Piaget é citado como um dos primeiros pesquisadores da Teoria da Mente. Embora tenha dado ênfase em seus estudos aos processos cognitivos de apreensão do mundo físico pelas crianças, também observou as relações das crianças com seus estados mentais. Em especial, com crianças pré-escolares, essa relação torna-se mais evidente na incapacidade delas diferenciarem

estados físicos de mentais. Destacam-se também os trabalhos de Piaget nos anos 20 e 30 sobre empatia, habilidade de colocar-se no lugar do outro, como predecessores dos estudos em teoria da mente. Importante ater-se a esse fato, pois, como veremos mais à frente, pesquisas atuais ainda têm certa dificuldade de diferenciar a teoria da mente e a empatia.

O marco seguinte trazido pelas autoras é a criação da primeira tarefa experimental em teoria da mente, a tarefa de crença falsa apresentada por Wimmer e Perner (1983), demarcando o início do campo experimental da teoria da mente. Esse é um novo momento do campo, tendo em vista que até então os estudos estavam muito marcados pela teoria piagetiana, sendo que grande parte das pesquisas buscava refutá-la ou confirmá-la. Mais à frente será retomada a questão das tarefas.

Primeiras Tarefas: Crença Falsa paradigma experimental.

Wimmer e Perner (1983) desenvolveram a primeira tarefa de teoria da mente, a crença falsa (*False belief*), apelidada de “*Sally Ann*”. A tarefa consiste numa história, que apresenta um personagem que guarda seu doce dentro do armário de casa e sai. Nesse intervalo, sua mãe pega um pouco do chocolate para colocar num bolo, e guarda numa gaveta, não no armário. Segue-se a seguinte pergunta: aonde o personagem irá procurar o chocolate? Wimmer e Perner testaram crianças entre 3 e 9 anos de idade, em diferentes grupos, e de acordo com Jou e Sperb (1999), encontraram que as crianças na faixa entre três a quatro anos de idade não eram capazes de responder corretamente. Contudo 57% das crianças entre quatro e seis anos conseguiram responder corretamente, e 86% das crianças de seis a nove anos indicaram o lugar correto em que o personagem iria procurar seu doce.

Esse estudo permitiu aos autores estipular que as crianças desenvolvem a habilidade de se colocarem no lugar do outro entre quatro e seis anos.

Até hoje, as tarefas de crença falsa são amplamente utilizadas nas pesquisas em teoria da mente. Algumas mudanças são feitas, mas no geral seu conteúdo é o mesmo. Inclusive vale observar que, na pesquisa que fizemos em bancos de dados internacionais, existem aquelas que se utilizam de variações da crença falsa para testar

adultos. Esse tipo de pesquisa aparece com frequência em trabalhos que buscam relacionar teoria da mente com outras funções executivas (Ahmed & Miller, 2010).

Pesquisas atuais têm mostrado resultados diferentes: com efeito, segundo Jou e Sperb (1999), a definição de quando a criança possui essa capacidade está associada ao que os próprios teóricos da mente entendem por teoria da mente.

“Se for considerado que as crianças têm uma teoria da mente quando atribuem estados mentais a si próprias e aos outros, como desejos, intenções e crenças, as evidências mostram que esta capacidade já é visível aos dois ou três anos (Bretherton & Beeghly, 1982; Leslie, 1987; Wellman, 1990), ou mesmo mais cedo (Fodor, 1992). O fato de a criança nessa idade distinguir estados físicos de estados mentais, por exemplo, uma banana pode ser comida mas o pensamento de uma banana não, pois esta está na cabeça (Wellman, 1988), de ser capaz de fazer troça, entendendo o estado interno dos outros (Dunn, 1991), de utilizar verbos mentais como pensar, conhecer, achar, saber, entre outros (Bretherton & Beeghly, 1982), de se engajar em brincadeiras de faz-de-conta (Leslie, 1987), de utilizar truques com parceiros e elaborar mentiras (Chandler, Fritz & Hala, 1989) e de ser capaz de explicar um comportamento segundo uma crença (Wellman&Bartsch, 1988) mostra que existe já o conhecimento de que há uma mente que representa o mundo por trás do comportamento das pessoas. Por outro lado, autores como Wimmer e Perner (1983), Flavell (1986), Astington e Gopnik (1988), Moses e Flavell (1990) e Perner (1991) consideram que a criança tem uma teoria da mente quando ela entende que a mente é um sistema representacional capaz de distinguir entre referente e sentido. Essa distinção fica evidente nos casos de crenças falsas nos quais a criança compreende que se trata de uma crença diferente da realidade e, portanto, da crença dos outros. A criança estaria representando a representação, ou seja, estaria meta-representando. (Jou & Sperb, 1999, pp. 301-302.)

Teorias explicativas da Natureza da Teoria da Mente

Passamos a olhar para questões levantadas por Astington e Gopnik (1991): quando a teoria da mente surge? Com qual finalidade? O novo marco apontado pelas autoras são as Teorias Explicativas da Natureza da Teoria da Mente. Diversos autores, entre eles Horgan e Woodward (1990) e Whiten e Perner (1991), consideram que a teoria da mente é um processo de aquisição de uma psicologia popular por parte das crianças. Ou seja, as crianças observam o funcionamento do mundo ao redor delas e criam uma teoria a respeito dele.

A psicologia popular, na visão de Horgan e Woodward (1990), é descrita como um conjunto de princípios de senso comum a respeito de como o mundo funciona. Esses acabam por nortear crenças e desejos. Whiten e Perner (1991) acrescentam que a própria linguagem com verbos de estados mentais, tais como pensar, sentir, são vetores na criação de uma teoria psicológica popular acerca de como funcionamos enquanto seres humanos. Bruner (1990) ressalta que as narrativas criadas em cada cultura a respeito de como as pessoas são, pensam, agem, são constitutivas de diferentes psicologias populares. A partir destas visões podemos conjecturar que a psicologia popular é uma forma de entendimento e predição das emoções e comportamentos dos outros.

Adentrando mais profundamente o trabalho das autoras, sobressaem-se as Teorias Explicativas da Gênese e Desenvolvimento da Teoria da Mente. A esse debate vem associada à discussão Inato *versus* Adquirido, o que delimita melhor o campo da teoria da mente que pretendo desenvolver neste trabalho.

Diferentes compreensões da gênese da teoria da mente foram categorizadas por Jou e Sperb (1999). Seguem na ordem apresentada pelas autoras uma sucinta explanação a respeito dessas.

O Inatismo de Fódor e Perner (Fodor, 1992; Perner, 1991) defende a teoria de que nascemos com módulos sociais que possibilitam a absorção da cultura e da psicologia popular. A teoria da mente é uma habilidade inata que nos possibilita teorizarmos a respeito do mundo e dos outros. O inatismo desponta, atualmente, como a forma mais aceita de compreender a gênese da teoria da mente.

Em seguida, as autoras apontam as teorias desenvolvimentistas. Wellman (1990) chama atenção para o fato das crianças muito novas não possuírem teoria da mente, sendo essa uma habilidade que se desenvolve junto a outras funções cognitivas durante o amadurecimento do infante. Wellman observa que a teoria da mente das crianças é, possivelmente, apenas uma versão primitiva da psicologia popular nos adultos.

Já as teorias que relacionam a teoria da mente a seu substrato fisiológico, que as autoras denominam teorias Neuropsicológicas, são amplamente defendidas por pesquisadores como Baron-Cohen (1990), um dos nomes de grande importância no campo da teoria da mente nos dias atuais. Baron-Cohen estudou em bebês a habilidade de regular a atenção compartilhada, habilidade esta que, segundo ele, não está presente nos autistas, ainda que estes possuam outras habilidades sociais intactas.

As teorias evolucionistas, de Whiten e Byrne (1991), partem de uma perspectiva filogenética, estudando padrões cognitivos em chimpanzés e mantendo conexão com o trabalho de Premack e Woodruff (1978). Os pesquisadores evolucionistas destacam a função de adaptabilidade da teoria da mente. Predizer pensamentos e comportamentos tem uma função evolutiva na medida em que nos facilita adaptações a diferentes situações.

A tradição cultural também aparece como uma teoria de gênese da teoria da mente. Quando Bruner (1990) explica a teoria da psicologia popular, e que a linguagem é constitutiva da cognição da criança, ele indica que a criança jamais desenvolveria uma teoria da mente fora de um contexto cultural. Essa teoria, de acordo com as autoras, vai na contramão das citadas acima, na medida em que não ressalta o desenvolvimento e a maturação de um aparelho com o qual nascemos, mas sim a inserção cultural como fator decisivo do desenvolvimento da habilidade de metarrepresentar.

Finalmente, apresentam-se as teorias Cognitivistas, baseadas nos estudos de Perner (1991) sobre como as habilidades representacionais tendem a evoluir nas crianças, ou seja, a criança, ao pensar sobre si, em diferentes estágios da vida, modifica a compreensão que possui da própria mente, e conseqüentemente do funcionamento do mundo. Isto acontece através da representação. O faz de conta se constitui como a primeira atividade representacional da criança. De acordo com Leslie(1987), além de representar, a criança, no faz de conta, metarrepresenta o mundo, ou seja, ela representa

uma representação que, então, seria uma representação de segunda ordem. Esse ponto é muito importante em relação a segunda parte deste trabalho, por isso será aprofundado.

De acordo com Leslie (1987), o primeiro momento de representação interna é representar o mundo de forma fiel e literal, tão quanto possível a determinado organismo. Essa capacidade extremamente básica de representação seria chamada de representação primária. A metarrepresentação é a reconstrução da representação primária em outra realidade.

Embora alguns autores considerem a brincadeira do faz de conta como uma parte da teoria da mente quando essa está ligada à metarrepresentação (Leslie, 1987, 1988) outros consideram que a metarrepresentação não estaria presente na brincadeira do faz de conta, e indica somente o surgimento da teoria da mente (Perner, 1981).

Carraro (2003) ressalta que Piaget (1978) e Vygotsky (1984) estudaram o desenvolvimento da habilidade de fazer de conta, e que os teóricos da teoria da mente levaram esse estudo adiante (Leslie, 1988; Lillard, 1993; e Perner, 1991). A autora aponta para o fato que esses autores concordam que a criança necessita da habilidade cognitiva da representação para fazer de conta que um bastão de madeira é um cavalo, por exemplo.

Carraro (2003) estudou a brincadeira do faz de conta conforme a visão de diferentes teóricos. Em Piaget (1978), por exemplo, encontrou a relação entre faz de conta e o surgimento e a evolução do símbolo. Por estar ainda no processo de desenvolvimento da linguagem, a criança expressa seus pensamentos através do símbolo, do brincar. Já para Vygotsky, o desenvolvimento da criança está entre o real e o potencial, ou seja, aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha, e aquilo que é capaz de fazer com auxílio de outrem, chamando esta diferença zona de desenvolvimento proximal. A brincadeira do faz de conta também cria uma zona de desenvolvimento proximal, pois faz a criança desenvolver papéis sociais, que ainda não consegue executar, ao representar diferentes realidades. No entanto, a teoria da mente explica o faz de conta de outra forma. Alguns teóricos da teoria da mente acreditam que o faz de conta poderia representar a compreensão que a criança tem da sua mente e da mente dos outros.

Para Leslie (1987, em Carraro 2003), o faz de conta possui três estágios básicos. O primeiro refere-se à substituição (a criança finge que a colher é um avião). No segundo a criança atribui propriedades imaginárias não existentes a um objeto (ex: colocar a boneca para dormir). Na terceira, encontramos o objeto totalmente imaginário, quando a criança brinca com um objeto que não existe (ex: beber chá de uma xícara vazia)

Perner (1991, em Carraro 2003) defende uma proposta diferente em relação à metarrepresentação. Ele a define como o meio pelo qual uma coisa é capaz de representar outra. Considera o meio e o conteúdo como presentes na representação. Para Perner, a representação primária é uma direta relação com o mundo real, um puro reconhecimento do objeto. Na representação secundária, é estabelecida uma relação de tempo com o objeto, podendo defini-lo em diferentes espaços em diferentes momentos. Assim surge a habilidade interpretativa do objeto em diferentes modelos deste. Já a metarrepresentação está relacionada a um sentido recursivo, ou seja, uma habilidade de representar a própria relação representacional. (Pylyshyn 1978, citado por Perner 1991).

A partir dessas explicações, voltamos com maior profundidade ao dilema Inato versus Adquirido. Ao revisar a literatura, é possível afirmar que muitas teorias que versam sobre a gênese da teoria da mente apontam para o inatismo como resposta, seguindo um padrão evolucionista em sua compreensão, assim como os primeiros estudos de Premack e Woodruff com chimpanzés. No entanto, outros parecem ter condensado diferentes gêneses desse campo de estudo, como os autores que trabalham com o conceito de metarrepresentação. Leslie e Baron-Cohen são nomes importantes, que mantêm o estudo da teoria da mente dentro de um viés evolucionista, e contudo ressaltam a importância dos processos cognitivos como a representação dentro de seus estudos. Esse será um aspecto importante a ser relacionado nos próximos capítulos.

Pesquisas atuais em Teoria da Mente.

No decorrer dos meus anos como bolsista de iniciação científica, nos dispusemos a uma tarefa: observar o que estava sendo pesquisado, atualmente, no campo da Teoria da Mente. As primeiras impressões foram de uma grande quantidade de estudos envolvendo teoria da mente e psicopatologias. Logo observamos que muitos estudos estavam buscando compreender a teoria da mente e seu desenvolvimento em adultos. O que foi surpreendente, visto que até então, estudava-se a teoria da mente em crianças e se sabia que esse desenvolvimento culminaria na habilidade de metarrepresentar, ao redor dos 5-6 anos de idade.

Elaboramos um banco de dados com mais de 190 artigos internacionais, através de busca sistemática nos bancos de dados *psychINFO* e *Web of Science*, dando ênfase aos estudos com adultos. Enquanto a pesquisa ia tomando corpo, encontramos três grandes áreas nas quais esses artigos poderiam ser classificados: Psicopatologia, cabíveis nessa categoria todos os artigos envolvendo pesquisa com sujeitos com autismo, Asperger, Alzheimer, entre outras; Neuropsicologia: categoria essa em que encontram-se os artigos que buscam conhecer o substrato neural da teoria da mente, geralmente envolvendo ressonância magnética junto à aplicação de tarefas de teoria da mente; Sociocognição: esta categoria enfatiza o processo da teoria da mente em si. Busca compreender relações entre a teoria da mente em adultos e crianças, assim como diferentes formas de aplicações de tarefas em adultos.

O número de tarefas utilizadas nos artigos é muito grande. Adaptam-se diferentes tarefas com diferentes usos, muitas vezes não respeitando o público para o qual a tarefa foi desenvolvida. Existem aplicações de versões do “*Sally Ann*” em adultos, assim como aplicações de testes desenvolvidos para população autista em população normal. Contudo, é válido ressaltar que essa grande quantidade de tarefas apenas reflete os avanços nas pesquisas e a amplitude atual do campo da teoria da mente.

Uma dessas tarefas em particular, desenvolvida por Baron-Cohen (1997), chamada *Reading the Mind in the Eye* (Lendo a mente nos olhos), desenvolvida para o trabalho com populações autistas, tem sido amplamente utilizada. Em 1997, uma primeira versão foi criada, na qual uma imagem do recorte de um olhar era mostrada ao

participante, e esse tinha de responder quais palavras melhor descreviam o estado emocional do ator da foto, com base em duas opções, como mostram os exemplos a seguir:



Essa imagem, extraída da primeira versão do teste, era seguida de duas opções para atribuição de estados mentais: Reflexiva ou Não Reflexiva. Numa seleção de 25 imagens, os participantes tinham que selecionar a opção que melhor descrevesse a imagem.

Baron-Cohen (1997) destaca que a habilidade Teoria da Mente é também descrita como *Mind Reading* (Leitura da Mente) (Whiten, 1991), e o propósito desta tarefa seria avaliar a habilidade do sujeito de ler a mente de outros, ou ler os estados mentais dos outros. Essa primeira versão do teste foi revisada alguns anos depois (2001) tendo em vista que a opção de resposta entre somente duas escolhas deixava uma margem de pontuação muito estreita. A solução encontrada pelos autores nos anos seguintes foi aumentar o número de imagens e o número de opções de resposta a cada imagem.



É necessário destacar a criatividade do autor nesse trabalho, que geralmente surpreende aqueles que se submetem à tarefa. Ela consiste em imagens de olhares, seguidas de quatro possíveis descrições para o que a pessoa da imagem está sentindo.

Não estamos acostumados com a ideia de “ler” o outro, nem tampouco de ler corretamente. O autor defende a ideia de que autistas falham nessa habilidade de compreender estados mentais dos outros, e seus escores nessa tarefa seriam mais baixos. Baron-Cohen ressalta ainda que seus estudos de reconhecimento de emoções pela face tem um caráter transcultural, ou seja, as respostas à tarefa não foram diferentes em razão da cultura em que os participantes estavam inseridos. Isto é, segundo Baron-Cohen, temos a habilidade de reconhecer emoções complexas ao observar expressões faciais. Nas palavras de Nummenmaa (1964, em Baron-Cohen, 1997) *Is there a language of the eyes* (Existe uma linguagem dos olhos):

“certain simple expressions, especially perhaps anger and pleasure, can be identified from the eyebrows, eyes, nose and mouth . . . but the eye region is remarkable in the sense that . . . complex emotions can only be read in the eyes, thus making them the principal center of attention.” (Nummenmaa, em Baron-Cohen, 1997, p.315.

“ Algumas expressões simples, especialmente talvez raiva e prazer, podem ser identificadas nas sobrancelhas, olhos, nariz e boca...mas a região dos olhos é especial no sentido de que...emoções complexas podem apenas serem lidas nos olhos, fazendo deles assim o principal centro de atenção. (Nummenmaa, em Baron-Cohen, 1997, p.315, trad. nossa).

Baron-Cohen atualizou o estudo de Nummenmaa (1964), ao testar reconhecimento de emoções utilizando fotografias do rosto inteiro, somente dos olhos, e somente da boca. Ele encontrou resultados indicando que a face inteira provê mais informações acerca de emoções básicas. Contudo, em relação a emoções complexas, os olhos somente são capazes de oferecer quase tanta informação quanto a face inteira (1997).

Baron-Cohen constatou que possuímos uma “Linguagem dos Olhos”. Sobre o mecanismo de aquisição dessa linguagem, ele ressalta duas possibilidades: a atenção aos olhos e a atenção compartilhada estão conectadas ao desenvolvimento normal (Baron-Cohen 1994, 1995; Scaife & Bruner, 1975), garantindo que as crianças normais apreendam informações relevantes pelos olhos. Leslie (1991) afirma não estar claro se existe um mecanismo à parte para a compreensão de todos estados mentais. Contudo, Baron-Cohen parece ter comprovado o ditado popular dos olhos serem a janela da alma (1997).

Scott (2001) ressalta a importância de Leslie, Baron-Cohen e Frith como os principais disseminadores da ideia dos módulos metarrepresentacionais na literatura da psicologia. Em outras palavras, esses autores são influenciados tanto pela origem inatista modular da teoria da mente, quanto pelo aspecto desenvolvimentista da mesma.

Esses estudos em teoria da mente chamaram minha atenção, em especial pela junção de duas vertentes de gênese da teoria da mente, inatista e cognitivista. Ainda que muitos estudiosos vejam o construto da teoria da mente a partir de uma epistemologia desenvolvimentista, é inegável que os trabalhos iniciais de Premack e Woodruff (1978), com chimpanzés, já apontavam na direção de uma psicologia evolucionista e inatista. Nascemos com o que se poderia chamar de instinto à socialização? Ou a socialização faz com que acabemos por desenvolver a habilidade de compreender os estados mentais dos outros?

Longe de responder a tal pergunta, este trabalho permite-se fazer uma aproximação a outras epistemologias, outras propostas teóricas, com a finalidade única de ampliar tal debate.

O que Jung tem a ver com isso?

"Como a tipologia psicológica não conseguia resolver o problema da equação pessoal na psicologia, Jung continuou enfrentando essa questão e também o problema da relação entre o individual e o universal em psicologia, e o status da psicologia. Para tanto, a teoria dos arquétipos era de importância crítica. De acordo com essa teoria, o elemento "pessoal" era composto por estruturas universais inatas. Embora a teoria do inconsciente coletivo seja em geral desdenhada como não-científica, um dos motivos pelos quais ele a havia proposto era justamente assegurar o caráter científico da psicologia, ao postular uma dimensão de universalidade na personalidade que fosse anterior às diferenças individuais. Nesse sentido, ela constituía uma outra tentativa de resolver o problema da equação pessoal." (Shamdasani, 2005, p. 90)

Como já dito na introdução deste trabalho, minha aproximação entre a psicologia analítica Junguiana e os estudos de teoria da mente se deu através de um viés prático. Meus estudos da teoria Junguiana iniciaram-se no ano de 2012 no estágio de psicologia clínica no Instituto Junguiano do Rio Grande do Sul. Concomitantemente, no ano de 2012 iniciamos a escrita de um artigo e criação de um banco de dados sobre artigos publicados dentro da área de teoria da mente. Ressalto esses acontecimentos justamente para apontar os vieses que alimentaram minha constituição acadêmica e, por conseguinte, a escrita desse trabalho.

A formação em psicologia clínica dentro da UFRGS tem uma influência da teoria de Jacques Lacan muito grande. Muito pouco foi apresentado dentro do curso de psicologia da teoria de Carl Jung, e o interesse em ir para além do currículo apresentado acabou por manifestar-se em mim.

Primeiramente, é necessário ressaltar que estou fazendo essa aproximação ciente do caráter dualista da teoria de Jung (Consciente *versus* inconsciente) assim como o caráter monista da teoria da mente (domínio consciente, dos processos cognitivos). Sendo assim, pretendo enfatizar o aspecto da teoria de Jung que pode ser aproximado do domínio dos processos cognitivos. Em segundo lugar, faço a aproximação entre a psicologia analítica e a psicologia cognitiva baseando-me, em grande parte, na tese de dissertação de doutorado de Vieira, 2002, “Imagem Símbolo e narrativa na obra de Carl Jung.”

A obra de Jung centra-se nos conceitos de Arquétipos e Inconsciente Coletivo, dois conceitos correlatos, sendo eles um dos motivos de cisão entre Jung e a Psicanálise Clássica Freudiana. Jung definiu o Inconsciente Coletivo como sendo uma camada inata e mais profunda do que o Inconsciente Pessoal, não somente um depósito de lembranças recalçadas e traumas infantis. Para Jung, (2000) Inconsciente coletivo é a fonte da criatividade humana, e, seu *substrato filogenético*. Jung (1928/1984) apresenta a ideia do inconsciente enquanto totalidade de todos os arquétipos, repositório de todas as experiências humanas, desde seus primórdios.

Comumente, a ideia de arquétipo é criticada no sentido de que alguns entendem que essa representa um saber dado acerca da psique humana. Que o símbolo possui um significado a priori. Essa não é uma observação correta, visto que Jung (1940/1959) o descreve a partir da metáfora de um vaso que nunca poderá ser preenchido ou esvaziado. Sua existência é potencial, e a cada forma material que toma, já não é mais o que era. O arquétipo persiste através dos anos, e requer sempre uma nova interpretação, que será feita por diferentes culturas em diferentes épocas.

Segundo Jung (1976), os arquétipos são situações típicas, símbolos genuínos e inesgotáveis, que se manifestam em nível etnológico, sob a forma dos motivos mitológicos. Jung ressaltava que o homem primitivo assimila a experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos. Por isso que o sol torna-se um deus, ou um herói que segue sua trajetória. Esse mito, essa história, essa imagem, representa um drama da psique humana. Um arquétipo.

“Como sabemos, este conceito não é uma “ideia hereditária”, mas um modo hereditário de função psíquica, ou seja, aquele modo

inato pelo qual o pintinho sai do ovo, o pássaro constrói seu ninho, um certo tipo de vespa atinge com seu ferrão o gânglio motor da lagarta, a enguia encontra seu caminho para as Bermudas, portanto um “*pattern of behaviour*” (padrão de comportamento). Este aspecto do arquétipo é biológico; com ele se ocupa a psicologia científica” (Jung, 1935/2000, p. 91).

Vieira (2006) ressalta a importância que Jung deu à constituição do ser humano enquanto histórico e cultural, e que o arquétipo teria essa constituição não imutável, mas sim permeável e constituída pela cultura. A psique não é uma coisa dada, imutável, mas um produto de sua história em marcha (Jung, 1912/1986). Na obra “Símbolos da Transformação”, Jung destaca a construção do pensamento ocidental baseada na lógica que foi construída sobre o pensamento mítico e mágico dos pré-socráticos. Historicamente, o pensamento simbólico do homem primitivo é a base do pensamento lógico dirigido, simbólico. “O pensamento lógico é construído a partir da linguagem e do conceito linguístico e como ele se descolou do pensamento mítico apenas muito recentemente, a partir da Escolástica” (Vieira, 2006, p.10).

No entanto, Jung ressalta a importância de não olharmos para o homem primitivo como mais ilógico do que nós, apenas que ele possui pressupostos diferentes acerca da realidade. O pensamento primitivo é um pensamento artístico, e tendo em vista que essa forma de operar não é mais presente no mundo moderno, Jung voltou a atenção para os sonhos, que são assim como a fantasia, formas de representar o mundo.

Jung (1936/1959) fala das atividades de criação humana, a fantasia, os sonhos, como possuindo seus rumos determinados pelos arquétipos. Esse direcionamento é responsável pela repetição dos temas mitológicos em diferentes culturas, assim como em delírios esquizofrênicos, por exemplo.

“Da mesma maneira como os instintos impelem o homem a adotar uma forma de existência especificamente humana, assim também os arquétipos forçam a percepção e a intuição a assumirem determinados padrões especificamente humanos.” (Jung, 1919/1984,p. 270)

Uma imagem pode ser qualificada como primordial ou arquetípica quando possui um caráter arcaico, ou seja, quando encontramos paralelos com motivos mitológicos conhecidos.

Arquétipo e Representação

No trabalho de Vieira (2002), encontramos a relação entre arquétipo e consciência. O autor aponta para o fato do arquétipo poder ser descrito como a percepção interior do processo vital objetivo. Sendo assim, aproxima o conceito de arquétipo ao de consciência, pois esse último é uma percepção do processo vital objetivo. Do mesmo modo que a apreensão consciente imprime forma e finalidade ao nosso comportamento, assim, a apreensão inconsciente determina a forma do instinto através do arquétipo. (Vieira 2002, p. 56).

“Da mesma forma como somos obrigados a formular um conceito de instinto que regula ou determina o nosso comportamento consciente, assim também, para explicar a uniformidade e regularidade de nossas percepções precisamos de um conceito correlato de um fator que determina o modo de apreensão. É precisamente esse fator que eu chamo de arquétipo ou imagem primordial. A imagem primordial poderia muito bem ser descrita como a percepção do instinto de si mesmo ou como o autorretrato do instinto, à semelhança da consciência que nada mais é, também, do que uma percepção interior do processo vital objetivo. Do mesmo modo que a apreensão consciente imprime forma e finalidade ao nosso comportamento assim também a apreensão inconsciente determina a forma e a destinação do instinto graças ao arquétipo” (Jung, 1971, p.277)

A aproximação do conceito de arquétipo como forma de apreensão torna possível compreendê-lo como um órgão regulador da atividade de percepção a partir de uma relação com os instintos. Por instinto, Jung (1919) diz “só se deveria considerar como instintos os processos inconscientes e herdados que se repetem uniformemente e com regularidade por toda parte”. Foi essa constatação, da repetição e da regularidade de certos motivos típicos que levou Jung, posteriormente, a correlacionar o conceito de instinto com o de arquétipo.

“Os arquétipos são formas de apreensão, e todas as vezes que nos deparamos com formas de apreensão que se repetem de maneira uniforme e regular, temos diante de nós um arquétipo, quer reconhecamos ou não o seu caráter mitológico.” (Jung, 1919, p. 280).

O arquétipo dá cor a nossas vivências, experiências e dramas, tornando-os significativos (Vieira 2002). Quando o homem primitivo olha para o sol não vê apenas uma estrela que traz luz ao planeta, mas sim um herói que vive uma jornada, que culmina no fim do dia com sua morte. Em outras palavras, ele *representa* suas angústias e dramas interiores no símbolo do sol. O búfalo que possui a maior força é o rei da manada, por isso o caçador mais forte da tribo usará sua pele. A representação é presente no processo de criação dos mitos, pois o homem precisa identificar-se com os fenômenos naturais para poder elaborar uma explicação a respeito desses.

O arquétipo seria o motor inconsciente que faz trabalhar os mecanismos conscientes. A forma de apreensão (captação do conhecimento de um meio externo) seria regulada por uma atividade inconsciente, um motor, que ativaria o impulso para agir. No entanto, é impossível saber o que vem primeiro, a apreensão ou o impulso para agir (Vieira, 2002). Assim como é impossível o saber o que vem primeiro, a teoria da mente ou o impulso à socialização.

Aqui parece culminar a aproximação que tenho tentado fazer. Se tomamos por certo que o homem é capaz de representar seus dramas interiores nos processos de criação (mitos, histórias, pinturas, sonhos) temos que assumir que a habilidade de representar e mesmo de metarrepresentar é fundamental para o processo de expressão do arquétipo. No momento em que o Sol torna-se um herói que tem de batalhar, sofre, tem medo, esse processo torna-se muito semelhante ao processo da criança que metarrepresenta diferentes estados mentais no faz de conta (na boneca que dorme, na xícara vazia que tem chá, etc.)

Ainda pode ser citado Vieira (2002) que aponta em seu trabalho a relação do brincar simbólico com a imagem e a narrativa, e que a forma de representar o mundo no brincar simbólico não se pauta pela lógica. Pelo contrário, ela se dá através da fantasia e da imaginação criadora. O autor une os conceitos de brincar simbólico, narrativa,

imaginação criadora e fantasia pela forma de representação da realidade não calcada na lógica, como o pensamento científico ou conceptual, mas sim na fantasia como quer Jung (1912/1986) ou na verossimilhança da narrativa como quer Bruner (1986/1997). O autor diz que, de forma muito semelhante a Bruner, Jung propõe que o pensamento fantasia é o responsável pela construção dos mitos.

Um exemplo dessa aproximação, de forma mais atual e próxima de nossa cultura moderna encontra-se no artigo “Teoria da Mente, Machado de Assis e a Escola Realista” de Paul Dixon (2008). O autor, especialista na literatura Machadiana, ressalta que a habilidade da teoria da mente é altamente utilizada por Machado de Assis na criação de seus personagens. Machado não só cria personagens altamente reflexivos sobre si mesmos, mas também sobre os outros. O autor traz o seguinte exemplo a partir do conto “A causa secreta”: "Garcia [...] possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo". Tal habilidade também desponta no conto “Missa do Galo”, assim como em “Dom Casmurro”, nos quais o leitor é convocado a opinar, participar, fazer hipóteses dentro do contexto da história. Machado nos dá pistas, que acabam levando o leitor a encontrar-se com seus próprios dilemas e dramas. “Além da ficção, sua obra narrativa expressa sua teoria literária, paradigma em que o leitor exerce uma função fundamental, constituindo, assim, uma Teoria da Mente no terreno da recepção literária” (p.10). Ou seja, podemos inferir que os mitos construídos em nossa época se utilizam da expressão da fantasia para serem criados, contudo, são os processos metarrepresentacionais as ferramentas indispensáveis para a constituição de um laço social entre o mundo da fantasia do artista e o mundo do leitor. Como Baron-Cohen constatou através de suas pesquisas, o reconhecimento de emoções é transcultural. Nossa habilidade de reconhecer os sentimentos do outro é inata. Assim como o reconhecimento do caráter dos mitos, das histórias, ou seja, o reconhecimento dos arquétipos.

Outro ponto que excita minha curiosidade é a relação da teoria da mente e a prática clínica junguiana. A ser justo, acredito que outras linhas teóricas também se utilizem dessa técnica, contudo vim a conhecê-la através da clínica inspirada na proposta de Jung. A interpretação dos sonhos, proposta por Jung como centro do

processo da análise envolve também o processo de metarrepresentação. As associações pessoais (Hall, 1983) fazem parte do processo de chegar ao núcleo de um complexo, o arquétipo. Isto é, o paciente não somente narra um sonho, mas é interpelado a ampliar os estados emocionais e mentais que lhe ocorreram durante o sonho, ou, como dito na página 13 deste trabalho, o paciente é convocado a *representar a própria relação representacional* (Pylyshyn 1978).

Podemos considerar a metarrepresentação como uma função cognitiva regida arquetipicamente? Essa é uma questão que não pode ser respondida. No entanto, é válido ressaltar a semelhança entre os autores que defendem a metarrepresentação, como Baron-Cohen e Leslie, terem um posicionamento inatista com a teoria da mente, assim como Jung defender que o arquétipo é inato e uma forma representacional do instinto. Essas semelhanças certamente ampliam o debate e aproximam campos epistemológicos diferentes.

“Os instintos são formas típicas de comportamento, e todas as vezes que nos deparamos com formas de reação que se repetem de maneira uniforme e regular, trata-se de um instinto, quer esteja associado a um motivo consciente ou não.” (Jung, 1919, p. 273).

Considerações Finais

Este trabalho é uma tentativa. Como toda tentativa está propenso a cometer erros. No entanto é também um apontamento para a multiplicidade que a psicologia é hoje enquanto ciência, produtora e produto de conhecimento. Somos convocados, enquanto psicólogos, a responder as mais diferentes demandas da sociedade, e contudo, encontramos dificuldade de criar diálogo com nossos próprios colegas enquanto classe profissional. Não conciliamos os diferentes aspectos da psicologia dentro de nossas relações profissionais, e acabamos por cingir aspectos do saber, criando a partir deles diferentes estradas que nunca mais se encontram. Esse trabalho é a tentativa de fazer uma ponte.

Foram traçados três paralelos principais entre as duas teorias. 1) A teoria da mente é considerada intata para muitos dos seus pesquisadores. Os arquétipos também

são considerados inatos para Jung. Mais do que isso, ambas teorias ressaltam um substrato filogenético presente em suas origens. Na teoria da mente temos isso bem claro desde os primeiros estudos com chimpanzés. Na teoria dos arquétipos, encontramos essa relação na conexão entre esses e os instintos biológicos. 2) A teoria da mente é uma habilidade de metarrepresentação de estados mentais dos outros. Os arquétipos são entendidos como forma de apreensão e representação da realidade. 3) Na teoria da mente o reconhecimento de emoções pela face e a brincadeira do faz de conta são manifestações dessa habilidade que, segundo Baron-Cohen, é transcultural. Os arquétipos manifestam-se através das produções humanas como mitos, histórias e sonhos. Essas produções são consideradas arquetípicas quando encontramos paralelos entre seus motivos em diferentes culturas. Esses três pontos são as pontes possíveis que tracei entre as duas teorias.

As teorias com as quais me identifico são as bandeiras que levanto enquanto profissional. No entanto, conciliar possibilidades entre essas teorias significa construir uma identidade mais integrada enquanto psicóloga. A psicologia não é uniforme porque a alma (*psyche*) não é una, nem múltipla: a alma é a parte do humano que nos escapa, não mensurável nem cabível plenamente em definições estáveis.

Busquei propor encontros em diferentes teorias. Não podemos falar da projeção dos arquétipos sem considerar o processo metarrepresentacional. Não podemos pensar na possibilidade de uma clínica sem considerar os processos cognitivos do sujeito que escutamos.

A teoria da mente é um campo extremamente amplo de pesquisa e prática, sendo reconhecido como tal há muitos anos. Em contrapartida, a teoria analítica de Jung ocupa um lugar desprivilegiado dentro da academia, tendo sido apelidada de “mística”, entre outros. Ao dedicar meu trabalho de conclusão de curso à tentativa de aproximar a teoria junguiana da teoria da mente, tento restituir sua importância enquanto teoria psicológica dentro da academia. Criar um espaço de interlocução, uma aproximação dentro do possível; tarefa essa indispensável na práxis de qualquer psicólogo.

Referências

Ahmed, F. & Miller, L. (2010). Executive Function Mechanisms of Theory of Mind. *Autism Dev Disord*, 41, 667–678

Astington, J. W. & Gopnik, A. (1991). Theoretical explanations of children's understanding of mind. *British Journal of Developmental Psychology*, 9, 7-31

Baron-Cohen, S. (1990). Autismo: Uma alteração cognitiva específica de "cegueira mental". *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 24, 407-430

Baron-Cohen, S. (1994). How to build a baby that can read minds: Cognitive mechanisms in mindreading. *Cahiers de Psychology Cognitive/Current Psychology of Cognition*, 13 (5), 513–552.

Baron-Cohen, S. (1995). *Mindblindness: An essay on autism and theory of mind*. Cambridge, MA: MIT Press/Bradford Books.

Baron-Cohen, S; Wheelwright, S; and Jolliffe, T. (1997) Is there a language of the eyes? Evidence from Normal Adults, and Adults with Autism or Asperger Syndrome. *Visual Cognition* 4, 3, 311–331

Bruner, J. (1990). Culture and human development: A new look. *Human Development*, 33, 344-355.

Carraro, L. (2003). A metarrepresentação na brincadeira de faz-de-conta: Uma investigação da teoria da mente. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003)

Dixon, P. (2008). Teoria da Mente, Machado de Assis e a escola Realista. Machado de Assis em linha ,2 ,84-93.

Fodor, J.A. (1992). Discussion: A theory of the child's theory of mind. *Cognition*, 44, 283-296

Hall, J. A. (1983). Jung e a interpretação dos sonhos: manual de teoria e prática. São Paulo, Cultrix.

Horgan, T. & Woodward, J. (1990). Folk Psychology is here to stay. Em W.G. Lycan (Org.), *Mind and cognition: A reader* (pp.399-420). Cambridge: MA. Basil Blackwell

Jou, G. I.de, & Sperb, T. M. (1999). Teoria da Mente: diferentes abordagens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12 (2), 287-306.

Jung, C. G. (1959). O Conceito de Inconsciente coletivo. Em *Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo* (p. 42-53) (Original publicado em 1936)

Jung, C. G. (1971) A Natureza da psique. (M. R. Rocha) Petrópolis: Vozes

Jung, C. G. (1976). The Visions Seminars. Zurich: Spring Publications.

Jung, C. G. (1976) Arquétipos e o Inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes

Jung, C. G. (1984) A função transcendente (M. R. Rocha) Em *A Dinâmica do Inconsciente* (PP. 65-92). Petropolis: Vozes (Original publicado em 1916)

Jung, C. G. (1984) Instinto e Inconsciente (M. R. Rocha). Em *A Dinâmica do Inconsciente* (pp. 133-142). Petrópolis: Vozes (original publicado em 1919)

Jung, C. G. (1986) Símbolos da Transformação (E. Stern) Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1912)

Jung, C. G. (2000) Prefácio ao livro de Harding: Frauen-mysterien (E. Orth). Em: A vida simbólica (pp. 91-93) Petrópolis: Vozes (Original publicado em 1935)

Leslie, A. M. (1987). Pretense and representation: The origins of "theory of mind". *Psychological Review*, 94, 412-416.

Leslie, A. M. (1988).Some implications of pretense for mechanisms underlaing the child's theory of mind. Em J. W. Astington, P. L. Harris & D. R. Olson (orgs).*Developing theories of mind* (pp. 19-46). New York: Cambridge University Press

Lillard, L. S. (1993). Young children's conceptualization of pretense: action or mental representation state? *Child Development*, 64, 372-386

Nummenmaa, T. (1964). The language of the face (Jyvaskyla studies in education, psychology, and social research). Jyvaskyla, Finland

Piaget, J. (1978) A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. (Trad. Alvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar (trabalho original publicado em 1945)

Perner, J. (1991). *Understanding the representational mind*. Cambridge, Mass.: Bradford Books/MIT.

Premack, D. & Woodruff, G. (1978). Does the chimpanzee have a theory of mind? *Behavioural and Brain Science*, 1, 515-526.

Scaife, M., & Bruner, J. (1975) The capacity for joint visual attention in the infant. *Nature*, 253, 265-266.

Scott, S. (2001) Metarepresentation to philosophy and psychology. Department of Cognitive Science Carleton University, Ottawa

Shamdasani, S. (2005) Jung e a construção da psicologia moderna: o sonho de uma ciência. Aparecida: Ed. Idéias e Letras.

Vieira, A. G. (2002) Imagem, símbolo e narrativa na obra de C. G. Jung. (Dissertação de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003)

Vieira, A. G. (2006) A função da história e da cultura na obra de C. G. Jung. *Aletheia*, 23, 89-100.

Vygotsky, L. S. (1984). O papel do brinquedo no desenvolvimento. Em A formação social da mente. (J. Cipolla Neto, L. S. Menna Barreto, S. Castro Alpeche, trads). São Paulo, Martins Fontes (texto original apresentado em palestra, 1933)

Wellman, H. M. (1990). *The child's theory of mind*. Cambridge, Mss.: Bradford Books/MIT

Whiten, A. & Perner, J. (1991). Fundamental issues in the multidisciplinary study of mindreading. Em A. Whiten (Org.), *Natural theories of mind* (pp.1-18). Oxford: Blackwell.

Wimmer, H. & Perner, J. (1983). Beliefs about beliefs: Representation and constraining function of wrong beliefs in young children's understanding of deception. *Cognition*, 13, 103-28.